



MULHERES EM AÇÃO – RESISTÊNCIAS FEMINISTAS E AGROECOLÓGICA: O DIREITO DE MORAR E PLANTAR NA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO¹

MACHADO, Ana Carolina²; FREITAS, Caren³; CANDIDO, Jéssica⁴; SOUZA, Saney⁵; BAPTISTA, Silvia⁶

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFF, técnica pela assessoria ARCHÉ, Rio de Janeiro/RJ, anamachado.carol@yahoo.com.br

³ Integrante da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, Rede Carioca de Agricultura Urbana, mestranda PPGDT/UFRRJ, Rio de Janeiro/RJ, carenfreitas.lima@gmail.com

⁴ Integrante da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, pós-graduanda PSDS/ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro/RJ, jessica_candido@id.uff.br

⁵ Educadora Popular, integrante da Rede Carioca de Agricultura Urbana, Rio de Janeiro –RJ, saneysouza@yahoo.com.br

⁶ Quilombola, integrante da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, Rede Carioca de Agricultura Urbana, doutoranda em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRRJ, Rio de Janeiro-RJ

RESUMO

O relato objetiva partilhar a experiência que vem sendo realizada pelo projeto Mulheres em Ação, na Ocupação Urbana Bosque dos Caboclos, localizada no bairro de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O projeto nasce da convergência entre pautas e práticas políticas da militância feminista na Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, com os questionamentos e necessidades objetivas que refletem a urgência da luta por moradia digna para muitas mulheres militantes, assim como ter garantido o direito de morar e plantar na cidade. Nesse sentido, o projeto se fortalece no resgate do diálogo ancestral entre feminismo e agroecologia, realizando mutirões, com capacitação técnica e formação política, para atuar em melhorias habitacionais em três casas da ocupação. Propõe a preservação da agrobiodiversidade do território, construindo na coletividade um movimento de resistência que busca para além da questão da moradia repensar os nossos feminismos e lutas cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: moradia digna – agroecologia – feminismos – resistência urbana.

INTRODUÇÃO

Mulheres em Ação é um projeto popular fruto da convergência entre pautas e práticas políticas, feministas e agroecológicas, que se encontram no movimento de resistência da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro. É muito mais do que melhorias nas casas, são mutirões feministas, pensando em soluções que pautem a biodiversidade e agrobiodiversidade, refletindo, no cotidiano, lutas e encontros que tecem redes de apoio, afeto e fortalecimento mútuo. Por essa razão, é importante evidenciar - enquanto experiência significativa do projeto que busca fortalecer o diálogo comum entre feminismo e agroecologia - o caráter coletivo desse relato: um trabalho construído por muitas mãos!

A experiência relatada representa uma escrita que compartilha diversos saberes, memórias, vivências e afetos. O sentido da coletividade traduz uma rede social e afetiva de mulheres que se encontram na luta para repensar experiências, feminismos, estratégias para resistir e possibilidades para o Bem Viver. Desse modo, é de extrema importância resgatar as companheiras que contribuíram e contribuem para a concretude do Projeto Mulheres em Ação. Importante mencioná-las: Saney, Hellen, Isabel, Mara Rubia, Maraci, Mara Bonfin, Caren, Rosineide, Silvia, Marina, Joana, Eduarda, Viviane, Tatiana, Jéssica, Roberta, Camila, Daniele, Tereza, Roberta, Michele, Carol, dentre outras companheiras da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste e da Coletiva Feminista as Caboclas, ressaltando também o trabalho técnico e militante das companheiras Leslie Loreto, Ana Carolina Machado e Elsa Burgueère, arquitetas responsáveis pelo diagnóstico das

¹ Projeto feminista da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste apoiado pelo Fundo Casa Socioambiental, Instituto PACS, OAK Foundation e Brot fur die Welt.



moradias pela Arché², assim como a sua importante contribuição no fortalecimento político do Projeto Mulheres em Ação; e apoio do Instituto PACS³, que nasce na idealização do projeto para efetivar ações concretas na Ocupação Urbana Bosque dos Caboclos. Importante mencionar o ANDES-SN, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - Rio de Janeiro, que se coloca à disposição na multiplicação dessa experiência.

A Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste é um movimento de resistência organizada no território, formando uma Frente de lutas pelos direitos das Mulheres, com uma agenda política antirracista, antipatriarcal e anticapitalista. No ano de 2014 a Coletiva vivencia um processo de reorganização, passando a ter encontros mensais a fim de fortalecer as ações políticas. Dentre as ações, cabe salientar: a formação feminista nos debates, ações de rua com participação e organização dos atos e manifestações e, a luta contínua na defesa dos direitos sociais (acesso com qualidade à saúde, educação, moradia, entre outros direitos indispensáveis para reprodução da vida), incidindo, principalmente, sobre as políticas públicas de saúde e de combate à violência contra as mulheres; pautas prioritárias na construção do nosso feminismo como espaço de militância e auto-organização.

Nesse sentido, um dos aspectos fundamentais no processo de constituição da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste consiste nas convergências com outras organizações e movimentos sociais e populares que vêm fortalecendo as atuações no território, por exemplo, podemos salientar a convergência com o IFHEP, o Instituto de Formação Humana e Educação Popular, um lugar de resistência e importante contribuição às lutas sociais – localizado em Campo Grande, bairro periférico da Zona Oeste do Rio de Janeiro; a Rede Carioca de Agricultura Urbana, essencial na luta pela Agricultura Urbana e defesa da Agroecologia na cidade; e a Articulação Plano Popular das Vargens, um movimento agroecológico e feminista na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que pauta a necessidade do planejamento popular na política urbana para garantia do direito ancestral das comunidades tradicionais, quilombolas e camponesas, e dos agricultores urbanos, de morar e plantar, assim como à preservação da agrobiodiversidade da cidade (APP, 2017).

Sobre os territórios da Zona Oeste, cabe trazer alguns dados que elucidam a importância de uma coletiva feminista organizada, considerando o fato de ser a região que concentra o maior índice populacional da cidade do Rio de Janeiro. Os bairros de Bangu, Santa Cruz, Realengo, Guaratiba e Jacarepaguá apresentam índices que chegam a 243 mil, 217 mil, 180 mil, 110 mil, e mais de 157 mil habitantes, respectivamente, e, com maioria da população negra. Vale destacar ainda Campo Grande, bairro mais populoso do Brasil, com mais de 336 mil habitantes, onde está localizada a Ocupação Urbana Bosque dos Caboclos. Santa Cruz, Paciência e Cosmos tem quase 70% da população negra. E Senador Camará, Bangu, Sepetiba, Barra de Guaratiba com mais de 60%. Todavia, no tocante às estruturas, são os territórios com as piores condições de saneamento básico, serviços e equipamentos urbanos. As estruturas inadequadas retratam os impactos da seletividade da aplicação de recursos públicos na crescente produção de ambientes, naturezas e fontes hídricas poluídas – aspectos nos quais os bairros da Zona Oeste lideram, comparados aos índices das demais regiões da cidade; no que concerne à educação, o território possui apenas uma universidade pública, em maior parte, restrita à oferta de cursos tecnológicos e continuamente precarizada em

² Destacamos a soma do escritório Arché, no apoio e assistência técnica para estruturação do projeto, composto por Leslie Loreto, Elsa Burgueère, e posteriormente Ana Carolina Machado.

³ Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul. Ver mais em <<http://www.pacs.org.br/sobre-o-pacs/>>.



relação às áreas centrais e turísticas da cidade; as ofertas e condições do transporte público também evidenciam a precariedade dessa região periférica, principalmente, se analisarmos com maior atenção as reais condições de mobilidade nas periferias da periferia, isto é, os territórios afastados das áreas de concentração dos recursos sociais e com piores condições de acesso aos equipamentos públicos e infraestrutura urbana. Estes aspectos bem retratam o território cuja atuação do projeto foi iniciada: Bosque dos Caboclos.

Em relação aos direitos sociais das mulheres na Zona Oeste, são absurdos os índices de violência, especialmente se comparada a outras regiões da cidade: ameaças, estupros, assassinatos, violência obstétrica, mortalidade materna e mortes por aborto inseguro são realidades recorrentes em nossas vidas. Os bairros de Campo Grande, Cosmos, Inhoaíba, Santíssimo e Senador Camará, juntos, apresentam o pior índice dos casos de estupro de mulheres no estado do Rio de Janeiro. Um dado grave que demonstra uma realidade de insegurança e extrema violência contra a vida das mulheres na Zona Oeste. Mulheres que necessitam de acolhimento, atendimento adequado e políticas públicas protetivas.

Desse modo, o projeto Mulheres em Ação - Morar e Plantar surge não apenas como um projeto de melhorias do habitat, mas como um movimento de mulheres periféricas que possibilite uma capacitação técnica, alinhada a formação política, feminista e agroecológica, organizando mutirões que viabilizem ações efetivas para preservação e estímulo à agrobiodiversidade. Objetivamente, a proposta é atuar em melhorias habitacionais com foco em saneamento e drenagem em três casas da Ocupação Urbana Bosque dos Caboclos, localizada no bairro de Campo Grande – Zona Oeste do Rio de Janeiro.

METODOLOGIA

O projeto Mulheres em Ação consiste na experiência local da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste na Ocupação Urbana Bosque dos Caboclos - localizada no bairro de Campo Grande, região periférica da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Busca soluções sustentáveis que preservem a agrobiodiversidade no território e, ao mesmo tempo, a capacitação das mulheres no reparo das infraestruturas das casas. A experiência do projeto se constrói por meio da participação ativa no processo, metodologia acumulada através da Militiva, que se apresenta como:

Somos mulheres de diversas idades, origens e lugares. Moradoras e militantes da Zona Oeste do Rio de Janeiro, donde se constrói muitas resistências em resposta às ameaças impostas pelo capital e pelo Estado em nome de um modelo de desenvolvimento que explora e esgota os bens naturais, nossos trabalhos, vidas e corpos. Diante de conflitos ambientais de tantas ordens, nessa região, sentimos a necessidade de construir olhares e abordar estas realidades a partir das implicações diretas em nossa vida cotidiana. No processo, subvertemos ideias comuns sobre pesquisa e produção de conhecimento e desenhamos o que pode ser chamado de metodologia, pra nós, uma prática política investigativa que carinhosamente chamamos **Militiva: a militância investigativa** (MILITIVA [2019]).

A proposta da participação ativa das mulheres objetiva ampliar tanto a perspectiva política quanto a capilaridade das ações, ou seja, o intuito é promover ações multiplicadoras com base nos conhecimentos



partilhados no andamento do projeto, de modo que não se limitem a ocupação Bosque dos Caboclos, mas que seja um projeto da “Coletiva” e “da Zona Oeste” (CPMZO, 2018a).

O projeto engloba ações distintas que desenham uma metodologia autogestionada pelas mulheres, resgatando a importância do autocuidado coletivo. São previstos dois encontros por mês (no primeiro e terceiro domingo de cada mês, de acordo com cronograma) em período integral, com momento do café da manhã e almoço, entendendo a importância do preparo da alimentação enquanto momento de socialização, cuidado e acolhida; de igual importância, a organização das místicas, sensibilização do projeto, viabilidade da alimentação e transporte das companheiras, considerando nossas necessidades objetivas para garantir a nossa mobilidade, participação nos encontros e militância; o projeto também articulou um momento de encontro com o Projeto Esperança, ligado à União por Moradia Popular – Rio de Janeiro - uma experiência de luta urbana por moradia digna e popular na Zona Oeste, também protagonizada por mulheres.

Em média, os encontros têm contado com uma participação de número de 15 a 20 mulheres; para coleta de dados e documentação, utilizamos referenciais e dados oficiais do IBGE (2010) e, a produção do diagnóstico técnico, relatórios e registro fotográfico dos encontros do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Zona Oeste – o território da atuação militante da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste – concentra massivamente territórios cujos equipamentos urbanos, rede de infraestrutura e serviços são os piores da cidade do Rio de Janeiro. Diante dessas assimetrias, a atuação da Coletiva compreende a necessária problematização dos feminismos, considerando as distintas formas em que as mulheres – nas suas singulares formas de produção e reprodução da vida – experimentam a vida na cidade e nos seus territórios de moradia. Diante disso, o cotidiano da militância feminista e agroecológica desvela o que é preciso, na mesma medida em que se faz urgente, construir um feminismo não apenas atuante nas ruas, mas com real empatia para ir além e repensarmos os nossos feminismos, pois, “não podemos deixar de pensar que a luta por direitos passa também em olhar a companheira do lado” (CPMZO, 2018a).

Dessa forma, propomo-nos pensar coletivamente soluções socioambientais para a drenagem e saneamento da moradia em um território cuja parte da população mais vulnerável são as mulheres de baixa renda, principalmente mulheres negras, alvo prioritário do projeto, na perspectiva da formação política e auto-organização feminista, e a partir daí sermos multiplicadoras desses conhecimentos e ações.

Fazendo um breve retrospecto histórico sobre surgimento do projeto Mulheres em Ação-Morar e Plantar, é importante resgatar a dimensão apontada inicialmente como necessidade objetiva, refletida na luta por moradia digna. Dentre os questionamentos surgidos acerca da importância de repensar os nossos feminismos, faz-se presente a ideia de que “vamos para a rua, lutamos, mas quando voltamos para casa – muitos de nós não possuímos as mínimas condições”. Desta forma, há mulheres que lutaram a vida toda, mas não possuem as mínimas condições, como a moradia (CPMZO, 2018b).

Sendo assim, em abril de 2017, a Coletiva planejou ações concretas, visando a construção comunitária de mutirões feministas autogestionados, com o intuito de organizar possíveis atividades, no campo habitacional, reparando a infraestrutura das casas das companheiras envolvidas no projeto.



Portanto, com soluções alinhadas à preservação da agrobiodiversidade e biodiversidade, contemplando espaços pedagógicos transversalizados pelas memórias e saberes agroecológicos das mulheres, compreende-se a prática da agricultura das mulheres em seus territórios, ressoando assim, a necessidade de soluções habitacionais que abarquem essa dimensão, pautado na agroecologia.

Diante destas questões, foi discutido o rumo de um possível projeto, em conjunto com a assessoria técnica Arché, apresentado pela arquiteta Elsa BURGUEÈRE. A princípio, dentre as opções debatidas, estava a proposta de criar uma poupança coletiva. Contudo, dada as limitações financeiras por parte das companheiras da Coletiva, foi decidido, pensar em editais que pudessem financiar um projeto. Em fevereiro de 2018, iniciou-se um debate mais esmiuçado sobre o pleito de um edital. Nesse primeiro momento, houve um esforço coletivo das companheiras em fazermos alguma síntese sobre a história da Coletiva, principalmente, depois da sua reorganização em 2014/2015 (dentre as companheiras que somaram nesse esforço inicial estão Silvia Baptista, Ana Maria, Caren Freitas de Lima e Saney Souza). No mês seguinte, surge a oportunidade através do Fundo Casa. As companheiras da Coletiva escreveram o projeto Mulheres em Ação junto com a Arché, visando a conquista do edital que contemplava uma proposta inicial, disponibilizando o valor de trinta mil reais para o financiamento do projeto. No mês de julho, saiu o resultado do projeto Mulheres em Ação, contemplado pelo financiamento do Fundo Casa. E, a partir daí, com o apoio do PACS e da Arché, foi iniciado o planejamento do projeto, estruturando os próximos passos para concretude dos mutirões, tendo em vista as necessidades de cada moradia, as urgências e as possibilidades técnicas.

O primeiro encontro do Projeto Mulheres em Ação realizou-se no dia 19 de agosto de 2018, na Associação de Moradores e Amigos do Bosque dos Caboclos. Estavam presentes: Saney, Hellen, Mara Rubia, Eduarda, Joana, Rosimere, Viviane, Tatiana, Rosineide, Caren, Mara Bonfin, Maraci, Ana Carolina e Leslie. Foi um dia especial para a Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste em convergência com as mulheres do Bosque dos Caboclos. Nesse encontro foi partilhado pelas companheiras Mara, Isabel e Hellen – uma das primeiras moradoras do local – a história da Ocupação Urbana Bosque dos Caboclos, com mais de vinte e cinco anos de resistência e, atualmente, mais de trezentas famílias. Segundo o relato da Mara Rubia, D. Hellen (atual presidenta da Associação de Moradores) chegou ao grupo depois de um chamado desta para integrarem a ocupação de um terreno em Campo Grande. As mulheres, no início da ocupação, decidiram aterrar por elas mesmas o terreno onde hoje está localizada sua Associação de Moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Mulheres em Ação - Morar e Plantar é uma iniciativa recente. É um projeto em cultivo, semeando a cada encontro olhares, escutas e diálogos que conectam memórias e saberes entre as mulheres e a agroecologia, fortalecendo a nossa resistência. Essa conexão representa um resgate afetivo, para que juntas possamos promover práticas políticas de resistência mútua, com o olhar atento para a companheira do lado. É uma resistência que se (re)constrói no movimento de problematizar a própria luta feminista, o que entendemos e praticamos como feminismo. Nesse sentido, a proposta do projeto está para além das reformas habitacionais e da luta por moradia digna.

Desse modo, Mulheres em Ação - Morar e Plantar pode ser entendido como uma ação política que parte do reconhecimento da necessidade da moradia digna para reprodução da vida social (fundamental para



nossa qualidade de vida e saúde), e de como a falta de condições adequadas de moradia somado as dificuldades vividas nos territórios, como o precário saneamento básico, infraestruturas, serviços e os piores equipamentos urbanos, afetam a vida cotidiana, especialmente das mulheres, mas, sobretudo, também compreende a potência dessa construção enquanto movimento de resistência protagonizado pelas mulheres da periferia da cidade. Representa, portanto, um movimento que atrela feminismo, agroecologia e a luta antirracista, como estratégia no enfrentamento da histórica desigualdade social e violência do Estado.

A agroecologia junto ao feminismo possibilita construir uma comunicação entre mulheres, costurando um movimento de escuta e diálogo que possibilita, ao mesmo tempo, nos descobrirmos e nos reconhecermos no encontro com a outra companheira. Esse encontro torna-se uma potência a medida em que construímos relações de cuidado e afeto, pois produzimos uma ação política que segue na contramão da lógica capitalista individualizante e competitiva, a partir do resgate dos saberes ancestrais aprendidos nos quintais e no cultivo e agricultura que resiste na cidade. Resgates que produzem o sentido de pertencimento e a valorização dos territórios e dos sujeitos que ali vivem.

Não obstante, é importante pontuar as limitações de um projeto, e de como a Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, enquanto movimento, possui um papel primordial em pautar políticas públicas para esses territórios, visando os direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS

APP - ARTICULAÇÃO POPULAR VARGEM. Insumos do Curso de Formação Planejadores Populares das Vargens para o Plano Popular das Vargens. 2017.

IBGE. Censo Demográfico. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

CPMZO- Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste. Relatório do primeiro encontro do Projeto Mulheres em Ação, 19 de set. 2018a.

_____. Relatório do segundo encontro do Projeto Mulheres em Ação, 23 de set. 2018b.

MILITIVA. Quem Somos. Disponível em: <https://www.militiva.org.br/apresentacao>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.